

Dani Atkins

Autora de *Uma curva no tempo*

A
HISTÓRIA
DE NÓS
DOIS



DUAS VIDAS, UM DESTINO

ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Para Kimberley e Luke,
por segurarem minha mão.*

*E para Ralph,
que sustenta meu coração.*

O fim

PARTE UM

Seria de esperar que algum sinal, qualquer que fosse, marcasse o dia em que sua vida irá mudar. Deveria haver sinos tocando (bem, creio que mais tarde eles tocarão). Talvez devesse haver relâmpagos e um ou dois trovões. Mas, quando olhei pela janela, tudo o que vi foi uma manhã de outono luminosa e folhas castanho-avermelhadas que, levantadas por uma brisa, flutuavam no ar como confetes cor de âmbar.

O nervosismo revirava meu estômago como se ele fosse uma panqueca girando no ar. Minhas mãos tremiam tanto que eu certamente acabaria borrando a maquiagem, que estava organizada sobre a penteadeira como instrumentos em uma mesa cirúrgica. Sorri para o meu reflexo. Nada mau. Respirei fundo e me obriguei a relaxar. Assim estava melhor. Era natural, claro, que eu me sentisse assim. Que mulher não ficaria nervosa em um dia como aquele? Uma bebida talvez ajudasse, mas a última coisa de que eu precisava era aparecer na igreja com hálito de álcool. Embora eu soubesse quanto isso pareceria hilário para ele.

– De jeito nenhum! – disse, rependendo a mim mesma.

Enquanto me maquiava com todo o cuidado, meus olhos foram atraídos para o vestido elegante e sofisticado que pendia da porta do guarda-roupa ainda protegido pela capa de plástico. Assim que o vi, tive certeza de que aquele vestido era a escolha perfeita, e eu queria muito estar linda para ele no grande dia. Não que ele se importasse com a minha aparência... bem, ao menos não vestida. Sinceramente, Emma!, repreendi meu reflexo, enquanto uma série de imagens obscenas me vinham à mente. Que hora mais imprópria!

Uma batida na porta de entrada da casa me fez levantar, mas, antes que eu alcançasse o meio do quarto, pude ouvir a algazarra de vozes lá embaixo e o ruído que indicava que ela fora aberta. A casa estava cheia de parentes e ami-

gos – alguns tinham viajado uma longa distância para estarem ali – portanto havia gente mais do que suficiente para atender à porta. Na verdade, será que eu estaria sendo ingrata por desejar poder me preparar sem a distração de todos eles à minha volta?

Ainda ouvia algumas pessoas se arrumando nos quartos próximos ao meu, entretanto sabia que àquela altura eu já deveria estar vestida e pronta. Será que eles iriam sem mim se eu me atrasasse? Dei uma risadinha ante o pensamento ridículo e fui até a janela para ver quem havia acabado de chegar. Uma pequena van branca da floricultura estava estacionada diante da nossa casa, e as flores que tínhamos encomendado foram descarregadas com cuidado e levadas para dentro. Certo, agora eu estava mesmo atrasada. Tinha tempo suficiente apenas para arrumar o cabelo e pôr o vestido.

Eu estava indecisa quanto ao cabelo: se o usaria preso ou solto. Então pensei nas mãos dele deslizando por meus longos fios castanho-avermelhados, enrolando-os em seus dedos e puxando-me para junto de si. Estava resolvido! Deixei-o solto, caído sobre os ombros, como de costume. Antes de me livrar do robe de seda, olhei para o espelho e de repente puxei a franja para trás, tirando-a da testa e expondo uma leve cicatriz na linha do cabelo. Corri um dedo sobre a pele branca e ligeiramente elevada e fechei os olhos por um breve instante, rememorando como ela surgira ali. Aquela noite havia marcado todos nós e, embora eu pudesse ser a única que ainda trazia um lembrete visível no rosto, nada jamais fora o mesmo para nenhum de nós desde então. Muitas vidas foram modificadas naquela noite, muitos futuros foram reescritos.

Deixei que o cabelo voltasse ao lugar enquanto o espelho captava e refletia uma imagem cintilante do meu anel de noivado banhado em um feixe de raios solares outonais. Na noite do acidente, era outro anel que eu usava, mas ele acabara no fundo de um despenhadeiro. Uma longa história. E, sob muitos aspectos, inadequada. Mas não tanto quanto me apaixonar por um estranho misterioso. Eu tinha lido todas as revistas e livros disponíveis sobre casamento, mas nenhum deles parecia tratar desta questão particularmente delicada: o que fazer quando, quinze dias antes do seu casamento, você de repente se vê apaixonada por dois homens?

O c o m e ç o

CAPÍTULO 1

A pesar do que pode parecer, o que causou o acidente, com certeza, foi o cervo, não a falta habilidade de Caroline ao volante nem os supostos daiquiris que ela tomou. Minha amiga é ótima motorista e, a noite toda, sua bebida mais forte tinha sido limonada.

Comparada a outras despedidas de solteira, a minha fora bastante comedida. Não tinha havido nada de espalhafatoso: nada de strippers, nem dos acessórios comuns nessas festas, nem nenhuma bizarrice de bêbada que pudesse voltar para nos assombrar nos meses seguintes. Aos 27 anos, eu tinha a sensação de que talvez estivesse um pouquinho “velha” para as festas barulhentas que haviam sido a marca registrada dos meus tempos de universidade. Bem, não quero dizer que não tivéssemos nos divertido muito. Éramos dez amigas e tínhamos passado o dia em um spa de luxo, deliciando-nos de papparicos, massagens e hidratações, para depois seguirmos para o bar do hotel, onde (supostamente) serviam os mesmos coquetéis de Manhattan. Eu nunca tinha ido a Nova York, mas se era aquilo que as pessoas de lá bebiam, certamente valia uma visita futura.

Tínhamos bebido apenas uma rodada de drinques quando Sheila, minha futura sogra, levantou-se.

– Ah, não diga que você já está indo! – lamentei, desapontada.

– Preciso ir – disse ela, dando um sorriso pesaroso. – O pobre do Dennis está sozinho o dia todo. Acabei de chamar um táxi; chegará em alguns minutos.

Então me levantei com um sorriso.

– Eu acompanho você – disse, abrindo caminho em meio a pernas e bolsas.

De braço dado, zigzagueamos em direção ao saguão do hotel. Em nosso trajeto, passamos por minha amiga Amy, que, sentada em um dos

bancos muitíssimo polidos do bar, aparentemente pedia mais bebidas. No entanto, por sua linguagem corporal e pela risadinha provocante, suspeitei de que ela estivesse em busca de algo mais daquele garçom jovem e bonito que uma rodada de daiquiris. Ele, de cabelos louros rebeldes e dentes brancos perfeitos – que eu praticamente podia contar, por causa dos sorrisos largos que dirigia a Amy –, mais parecia um integrante de boy band que um bartender. Eu quase senti pena do rapaz – aquele tipo de pena que se sente por um peixe segundos antes de ele ser fígado. Ele ainda não sabia disso, mas não tinha a menor chance de escapar.

Depois do bar discretamente iluminado, as luzes do saguão ofuscavam. Meus olhos lacrimejaram um pouco, buscando ajustar-se, enquanto caminhávamos até as portas giratórias para esperar o táxi.

– Obrigada por ter vindo, Sheila – agradei sinceramente.

De início eu ficara bastante surpresa com o fato de a mãe de Richard ter aceitado meu convite para nos acompanhar na comemoração. Claro que eu já a considerava da família antes mesmo de ser minha sogra: havia anos que ela e minha mãe eram amigas, e tinha sido graças a isso que Richard e eu havíamos nos conhecido. Mas como na época tínhamos apenas 2 anos, era natural que eu havíamos não me lembrasse de muita coisa.

– Eu não perderia por nada – replicou Sheila, puxando-me para junto de si em um abraço maternal.

Senti lágrimas em meus olhos quando ela sussurrou o que ambas estivéramos pensando o dia todo:

– É uma pena que sua mãe não esteja aqui conosco.

Assenti com a cabeça em seu ombro, envolta em uma nuvem perfumada de Chanel Nº 5 e não inteiramente segura de que pudesse confiar em minha voz para dizer algo em resposta. Ela permitiu que eu recuasse um passo, apertando minhas mãos com força enquanto dizia:

– Vai ficar tudo bem, Emma, você vai ver.

Eu a observei andar até o táxi e acenei quando ela estava dentro dele, mas o sorriso foi lentamente desaparecendo de meu rosto enquanto o veículo se afastava. Suas palavras ecoavam em minha mente. Mamãe *deveria* estar ali conosco, deliciando-se com os luxuosos tratamentos do spa e depois se fingindo de chocada com os nomes obscenos dos coquetéis. Meus olhos voltaram a lacrimejar, mas dessa vez a culpa não era da iluminação.

Naquele momento, a porta do banheiro das mulheres se abriu. Caroline, a terceira mosqueteira de nosso grupo de amigas, saía de lá de dentro e me viu. Enquanto atravessava o saguão com passadas rápidas, trazia no rosto o retrato da preocupação.

– Emma, o que aconteceu?

– Nada. Eu só estava me despedindo da Sheila.

Ofereci a Caroline um sorriso vacilante e quase perdi de vez o controle quando, em um gesto consolador, o braço de minha amiga envolveu meus ombros. Não era necessário explicar por que de repente eu me via tomada pela emoção. Sem precisar perguntar, ela compreendia – como apenas os melhores amigos de toda uma vida conseguem.

Gentilmente, ela me afastou da porta e foi me guiando para o lugar de onde acabara de sair, o santuário de todas as mulheres em momentos de crise: o banheiro feminino. Caroline parou por um momento à entrada do bar do hotel e esperou até que Amy olhasse em nossa direção. Então, com um aceno vigoroso de cabeça, seguido de um olhar relanceado para mim, enviou sua mensagem. Para olhos não treinados, talvez parecesse que Caroline tinha algum tipo de tique nervoso, mas para nossa amiga a informação foi tão clara quanto se fosse gritada em um megafone. Amy saltou de seu banco e abandonou o barman sem nem olhar para trás.

Enquanto me ouviam explicar por que eu ficara abalada com as palavras de Sheila, as duas me olhavam com uma expressão de empatia e compreensão. Então me permitiram umas poucas lágrimas de autopiedade, antes de entrarem em ação como se fossem mecânicos em um *pit stop* de fórmula 1. Caroline puxou um punhado de toalhas de papel do dispensador cromado na parede, enquanto Amy vasculhava sua bolsa em busca de rímel e pó para consertar minha maquiagem.

Elas me esperaram reparar o estrago e, enquanto isso, foram fazendo piada de tudo para afastar minha tristeza.

– Está se sentindo melhor agora? – perguntou Amy assim que lhe devolvi sua bolsinha de maquiagem, dando-me um abraço breve mas apertado.

Fiz que sim com a cabeça e me virei para olhar nosso reflexo na parede de espelhos. Na superfície vítrea, minhas amigas sorriam para mim, abraçando minha cintura. Eu conhecia Caroline desde o ensino fundamental e Amy, quase da mesma época. Houve um período de separação, mas tí-

nhamos apanhado as pontas soltas de nossa amizade e tornado a atá-las quando eu voltara para Hallingford e fora quase como se esse tempo longe não tivesse existido.

Nosso vínculo era real e tangível, uma ligação indestrutível tão forte quanto fora na infância. Eu não tivera nem um só segundo de dúvida na hora de escolher minhas madrinhas de casamento. Ambas vinham treinando para o papel havia mais de vinte anos e ninguém me apoiava e defendia mais que elas.

– E então, vamos? – apressou Amy, claramente ansiosa para retornar ao bar.

Eu sabia que Caroline não resistiria.

– Você está muito afobada. Isso não teria nenhuma relação com aquele gato que está servindo as bebidas, teria?

Amy abriu um sorriso travesso.

– Talvez. Acho que o turno dele termina logo.

Caroline olhou para o relógio em seu pulso e me deu uma piscadela.

– Faz sentido. Ele não vai querer ficar acordado até tarde... tendo escola amanhã.

– Não, não tem aula. É sábado – corrigiu Amy automaticamente, antes que a ficha caísse e seu rosto se contorcesse em um sorriso irônico. – Rá, rá, muito engraçado!



Logo depois da meia-noite, as pessoas decidiram dar a comemoração por encerrada. Algumas das minhas amigas tinham uma longa jornada de volta para casa, e eu as veria de novo dali a duas semanas, no dia do casamento. Ao me dar conta disso, senti um calafrio familiar percorrer meu corpo, parte nervosismo, parte entusiasmo, parte... algo mais.

Quando saímos para o estacionamento do hotel, o ar frio da noite de março me fez estremecer novamente. Passei os braços em volta do corpo na tentativa de me proteger do vento cortante que atravessava o tecido fino do meu vestido sem mangas.

Caroline entrou logo no carro e deu a partida, enquanto eu abraçava com um entusiasmo exagerado as amigas que tinham partilhado o dia comigo.

O grupo era formado por uma mistura eclética dos longínquos tempos da escola, da época da universidade e também do trabalho e, embora a maioria delas tenha iniciado o dia como absolutas desconhecidas, agora pareciam grandes amigas. Seria efeito dos coquetéis?

Depois que todas foram embora em táxis ou apanhadas por maridos generosos, corri para onde Caroline me aguardava com o carro ligado. Vi que Amy já estava lá, ocupando o assento do carona. Ela se virou para me olhar quando abri a porta traseira e deslizei, agradecida, para o interior quente e aconchegante do veículo.

– Você não faz questão de se sentar aqui, faz? – perguntou, jogando seu charme de sempre.

Olhei para o espaço minúsculo que restava para as minhas pernas atrás da motorista. Não sou muito grande, mas certamente era ao menos 15 centímetros mais alta que Amy.

– É que eu posso ficar enjoada se me sentar aí atrás – continuou ela.

– É mais provável que fique enjoada por ter se sentado com o bartender e os daiquiris, Amy – corrigiu Caroline e, enquanto apagava a luz interna do carro e colocava o cinto de segurança, continuou, com um sorriso tolerante: – Vou cobrar taxa extra se vocês vomitarem no meu carro.

– Vamos embora – ordenou Amy, e então se voltou dramaticamente para mim e sussurrou: – Ela fica *tão* rabugenta quando não bebe!

Era uma viagem de 45 minutos até a pequena cidade rural em que eu crescera, da qual havia alegremente escapado para ir à universidade, à qual eu pensara que jamais voltaria depois de ter conseguido meu primeiro emprego em Londres e para a qual eu não tivera *nenhuma* opção senão retornar fazia apenas doze meses.

Viajávamos por estradinhas quase desertas, mas, como estava mesmo ficando tarde, isso não era de surpreender. Eu ainda achava aquilo muito diferente do trânsito intenso, barulhento e quase ininterrupto que passava por meu pequeno apartamento de Londres a qualquer hora do dia ou da noite. Para uma garota nascida e criada no campo, eu de fato era uma apaixonada pela cidade.

Uma chuva fina caíra mais cedo naquela noite e, à luz dos faróis, era possível ver um reflexo reluzente no asfalto à medida que as estradas começavam a congelar. Estávamos no começo de março, mas ainda parecia

o auge do inverno. Eu realmente esperava que a temperatura subisse até a data do casamento, ou precisaria usar roupa térmica por baixo do vestido de noiva tomara que caia.

Nos bancos da frente, Amy e Caroline debatiam sobre se Amy se precipitara ou não ao dar o número de seu telefone ao barman. Não era preciso muito para saber qual das duas achava que tinha sido uma má ideia. Caroline estava feliz e sossegada com seu namorado, Nick, desde... bem, desde sempre, parecia, e eu sabia que ela às vezes desaprovava a vida amorosa de Amy. Ela fazia muito mais gosto do meu relacionamento com Richard: namoradinhos de infância, separados durante anos e agora noivos e felizes, às vésperas do casamento. Parece coisa de livro, ela dizia.

– Qualquer homem, ou melhor, garoto que passa a noite toda tentando olhar dentro do seu decote não merece o seu telefone – declarou Caroline, com severidade.

Eu dei uma risadinha, mas tinha de admitir que o barman passara mesmo grande parte do tempo falando com os seios de Amy, não com o rosto.

– Estou enjoada – disse Amy, com uma vozinha envergonhada.

– Com o vexame? – perguntei, de brincadeira.

Em resposta, ela deixou escapar um leve arquejo.

Caroline desviou os olhos da estrada para olhar sua passageira. Mesmo no carro escuro, em uma estrada sem postes de iluminação, estava óbvio que a previsão que Caroline fizera de brincadeira estava prestes a se realizar.

– Meu Deus, Amy! Aguarde aí, que vou parar em um segundo. A estrada é muito estreita aqui.

– Não dá para esperar – gorgolejou Amy em resposta, de forma um tanto desagradável.

– Tem uma sacola no chão, aos seus pés – avisou Caroline.

Este foi o último momento normal que nos três partilharíamos.



Depois daquilo, tudo aconteceu rápido demais e ao mesmo tempo muito devagar. Antes que eu tivesse a chance de dizer a ela que não fizesse aquilo, Amy soltou o cinto de segurança para pegar a sacola. Com a atenção dividida entre a estrada e uma amiga prestes a vomitar, Caroline fez uma curva

fechada. E ali, bem à nossa frente, iluminado pelos dois penetrantes feixes de luz, um imenso cervo surgiu.

Alguém soltou um palavrão – acho que eu –, mas o som se perdeu no guincho estridente da borracha no asfalto quando Caroline pisou com força o freio e virou bruscamente o volante, tentando evitar o animal, que se manteve sobre a faixa divisória da pista, como se tivesse todo o tempo do mundo para fugir. Talvez seja assim também para os animais, aqueles últimos segundos que precedem um acidente: os momentos em que você parece ter um tempo infinito para ver exatamente o que vai acontecer, pensar, fazer alguma coisa, não fazer nada e *ainda* esperar pelo impacto. Foi dessa forma para mim.

Vi Amy endireitar-se no assento, uma expressão de terror no rosto; vi o cervo ficar cada vez maior na nossa frente, e então o animal de repente foi substituído pela visão do barranco íngreme e coberto de grama que corria ao longo de uma das margens da estrada. Um barranco para o qual seguíamos rápido demais.

No momento em que o atingimos, tudo voltou a acelerar. Com o impacto, o carro deu um solavanco violento, e embora Caroline houvesse freneticamente tentado nos fazer retornar à estrada, não havia nada que pudesse ser feito para evitar a colisão. Senti o cinto de segurança me ferir quando fui lançada para a frente e em seguida para trás no assento. Ouvi a explosão de acionamento do air bag, que de repente cobriu metade do para-brisa. O carro de Caroline só tinha proteção no lado do motorista e, em algum momento da colisão, quando meus olhos estavam fechados, apertados de terror, aconteceu: quando tornei a abri-los, Amy havia sumido.

Mas ainda não tinha acabado. Como um pesadelo do qual não se consegue acordar, senti o carro girar. A estrada, antes debaixo dos nossos pneus, agora apoiava o teto do carro, que girava descontrolado, produzindo uma chuva de faíscas. O ruído de metal arranhando no asfalto era ensurdecedor e não cessou até o último instante, quando o carro deixou a superfície gelada e, batendo primeiro a traseira, caiu em uma grande vala no lado oposto da estrada.



Eu não perdi a consciência, e até hoje não sei se isso foi uma bênção ou não. Senti uma dor lancinante quando a lateral da minha cabeça bateu em um pedaço pontiagudo de metal que antes fazia parte do teto do carro. O veículo estava todo amassado, como uma lata de bebida que um gigante houvesse acabado de descartar. Estávamos presas de tal forma na vala que tudo o que eu podia ver de ambos os lados eram espessas paredes de lama e raízes retorcidas. Na verdade, não era fácil ver absolutamente nada, pois a única luz vinha de um farol que restara e que – sabe lá Deus por quê – ainda funcionava, só que agora apontando para o breu do céu. A luz forte cortava a escuridão.

Do banco em frente ao meu, que fora lançado para trás e esmagava dolorosamente minhas pernas, ouvi Caroline gemendo e chorando. Tentei estender a mão para ela, mas o banco do motorista me mantinha imobilizada.

– Carol? Você está bem? Está machucada?

Mais choro e um longo gemido, que mais parecia um uivo e que eu por um segundo pensei vir de um animal. Estaria o cervo ali embaixo na vala conosco? Tínhamos batido nele, afinal? Então ouvi a respiração entrecortada pelos gemidos e me dei conta de que era a voz da minha amiga – bem, algo semelhante à sua voz – porque era fácil perceber que ela estava em choque.

– O que aconteceu? Onde você está?

– Estou bem aqui, Caroline. Estou no banco de trás. Você está machucada? Ela pareceu genuinamente confusa com a pergunta.

– Machucada? Não. Por quê? O que aconteceu?

Eu não era da área médica, mas aquilo era decididamente estado de choque.

– Sofremos um acidente, Carol – falei, surpresa com o fato de a minha voz soar tão calma e controlada. – Havia um animal na estrada e nós... nós batemos.

– Nós batemos?

Fiz uma pausa antes de responder. Eu não sabia o que dizer a ela, porque tinha a sensação de que a histeria estava muito próxima e eu precisa perguntar algo muito, muito importante.

– Caroline. Você está vendo Amy? Ela está aí do seu lado?

Eu senti – mais do que vi – que ela se deslocou no assento, e então ficou

de joelhos e se arrastou para o banco do carona, como se para confirmar o que seus olhos lhe diziam. A única coisa boa que adveio daí foi saber que Carol ainda podia se mover, portanto era provável que não estivesse gravemente ferida.

– Ela não está aqui! Não está aqui! Aonde ela foi?

Seu rosto de repente surgiu no pequeno espaço entre os dois descansos de cabeça. Os olhos, disparando freneticamente de um lado para outro, vasculharam a traseira do carro.

– Ela está aí atrás com você?

Mordi o lábio e engoli em seco antes de responder, tentando o tempo todo não olhar além de Caroline para o buraco na direção do banco do carona no para-brisa, que parecia coberto com algo escuro e gotejante.

– Acho que ela foi lançada para fora do carro, Carol. Amy tinha acabado de soltar o cinto de segurança antes da colisão...

– Então ela está bem? Ela não estava no carro quando batemos, então está bem, certo?

Era como falar com uma criança de 5 anos. Era somente choque ou Caroline tinha batido a cabeça? Olhei o para-brisa, ou o que restava dele, inclinado para fora e com um ponto afunilado. Olhei para o buraco e tentei muito, muito não olhar para o sangue de Amy que ainda escorria em alguns lugares sobre o vidro estilhaçado.

– Caroline, você tem de sair do carro e encontrar Amy.

– Não – protestou minha amiga, balançando a cabeça para enfatizar as palavras. – Não posso. Não devo. Não é bom se mexer depois de um acidente.

Como aquela pequena pérola havia permanecido em sua mente, quando todo o bom senso parecia perdido?

– Eu sei, eu sei. Mas você já se mexeu um pouco, e Amy está machucada. Ela voou pelo... – Alguma coisa me impediu de tornar a cena explícita demais, dado o atual estado de Caroline. – Ela não está mais no carro. Então você precisa encontrá-la e verificar se está bem. Pode fazer isso por mim?

Caroline virou a cabeça, olhando para mim, e seu rosto era a imagem do terror. Eu também estava apavorada demais, não só pelo que acontecera, mas pelo que poderia estar à sua espera na estrada.

– Você vem também, não vem? Vamos procurar juntas.

Estava claro que ela não vira, ou talvez simplesmente não pudesse com-

prender, que o banco do motorista esmagava minhas pernas, aprisionando-me no carro.

– Não consigo sair – expliquei e, embora eu pensasse que estava sendo muito corajosa, de repente tive consciência de que durante todo o tempo em que estive falando com ela, lágrimas escorriam por meu rosto. Agora eu podia ouvi-las em minha voz. – O banco está me prendendo aqui, então *você* tem de fazer isso. Você tem de encontrar Amy e pedir ajuda. *Por favor*, Caroline.

Alguna coisa em meu desespero atravessou a névoa em que ela parecia estar envolta desde a colisão. Ela assentiu vividamente, como uma criança. Olhei para as portas dianteiras do veículo e vi que, como as traseiras, estavam lacradas pelas paredes da vala. Só havia uma forma de entrar e sair do carro.

– Você tem que passar pelo para-brisa e depois subir pelo capô até conseguir agarrar a vegetação das laterais do barranco. Consegue fazer isso?

Era muito pedir aquilo, era muito a fazer, mas até que alguma ajuda chegasse até nós, Caroline era nossa única esperança. Ela ficou muda e olhou fixamente para o buraco no para-brisa, então pôs as mãos no painel para tomar impulso.

– Espere! – ordenei, pegando, em meio aos destroços espalhados no banco traseiro, o casaco que Amy jogara ali mais cedo. – Ponha isto em volta do buraco antes de passar, ou vai se cortar toda.

Exatamente como deve ter acontecido com Amy, uma voz horrível entoou em minha cabeça. *Pare!* Eu não podia pensar assim. Não podia deixar o pânico assumir o controle.

Caroline conseguiu sair do carro e subir pelo barranco com extraordinária facilidade. Sem dizer mais nenhuma palavra, ela fez tudo o que eu pedira. Conseguiu subir da ponta do capô para o barranco segurando-se em uma raiz de árvore exposta. E então se foi.

A espera pareceu interminável. Eu sabia quanto a tarefa que lhe dera era difícil. A luz do farol iluminava inutilmente apenas o céu, e a lua estava coberta por nuvens que corriam. Lá fora estava um breu, e Amy podia estar em qualquer lugar da estrada. Caroline poderia passar ao lado dela e nunca saber. Eu a ouvi chamar o nome de Amy, o som tornando-se gradativamente mais fraco à medida que ela se afastava do carro. Amy estava incons-

ciente, eu disse a mim mesma. Amy não podia responder porque estava inconsciente. Qualquer outra razão para a falta de resposta era unimaginável.

Enquanto isso, eu tentava me soltar. Colocava as mãos na parte posterior do banco e empurrava com toda a força que restava em meu corpo. Em vão. O assento não cedia e eu não conseguia libertar minhas pernas. Com o esforço, comecei a me sentir enjoada, e o ferimento na cabeça, no qual eu vinha me esforçando ao máximo para não pensar, começou a sangrar mais. Agora o sangue escorria pela testa e caía em meus olhos.

Fazia um ou dois minutos que eu não ouvia a voz de Caroline.

– Caroline, você está bem? Você a encontrou? – gritei.

Nenhuma resposta. E eu só podia rezar que uma Caroline confusa e em choque não houvesse deixado a estrada e entrado em um campo vizinho, e agora estivesse distante demais para me ouvir.

Então um grito de terror rasgou a noite, um único nome anunciado, alto e estridente.

Caroline havia encontrado Amy.



Não sei o que teríamos feito se ele não houvesse surgido nesse momento. Eu certamente não ouvira a aproximação de um veículo, mas de repente a noite se encheu de sons: Caroline gritando, depois pneus derrapando. Tentei imaginar o que estava acontecendo na estrada: Caroline, ajoelhada ao lado do corpo caído de Amy, e então as duas capturadas como coelhos na luz dos faróis, quando um carro fez a curva, indo direto para cima delas.

Felizmente, não foi assim que aconteceu.

Ouvi uma porta de carro se abrindo e uma voz profunda falando rapidamente algo que não consegui distinguir, e então a resposta (provavelmente incoerente) de Caroline. Mas pelo menos havia alguém ali agora, alguém que poderia ajudar. Tentei ouvir mais, no entanto um som irritante vindo da frente do veículo chamou minha atenção. Na verdade, o barulho estava ali havia vários minutos, eu me dei conta: era uma espécie de crepitar intermitente. Inclinei-me para um lado, até onde minhas pernas presas permitiam, e esperei que ele se repetisse. Só tive de esperar alguns segundos até ver um pequeno brilho amarelo cintilando como um

vagalume aprisionado atrás do painel do carro. Mas nenhum vagalume de que eu já tivesse ouvido falar produzia aquele estranho ruído elétrico. Recuei no assento, os olhos fixos no painel como se ele fosse uma cobra enrodilhada.

Era frustrante não saber o que estava acontecendo na estrada, mas eu não queria distrair o recém-chegado com a minha situação. O caso de Amy, e em menor grau o de Caroline, eram mais urgentes naquele momento. O ruído crepitante e os estalos retornaram, dessa vez acompanhados de uma faísca mais forte.

Só me restava torcer para que a pessoa que havia chegado já tivesse telefonado pedindo ajuda, porque meu telefone estava com o de Caroline em nossas bolsas, no porta-malas do carro. E o de Amy... bem, eu imaginava que, naquele momento, Amy não estaria em condições de nos dizer onde seu telefone estava. *Ou nunca mais.*

– Cale a boca! – gritei para aquela voz maligna, sem perceber que dissera as palavras em voz alta no exato momento em que um rosto surgiu no meu campo de visão.

Alguém me olhava da borda do barranco.

– Olá.

A voz pertencia a um homem que aparentava 30 e poucos anos, de cabelos escuros e ondulados e um rosto tão calmo que contradizia a gravidade da nossa situação. Ele *tinha* de estar preocupado por de repente ter três vítimas de um acidente sob sua responsabilidade, mas ninguém diria isso pelo tom de sua voz ou pelo sorriso gentil que abriu enquanto corria os olhos pelo carro e por mim, avaliando a situação.

– Oi – respondi.

Ele ergueu a mão e correu o feixe de uma lanterna potente pelo interior do carro e então por mim, da cabeça até as pernas, que desapareciam de vista, na altura do joelho, atrás do banco desmoronado. Ele franziu um pouco a testa quando viu o ferimento em minha cabeça, que continuava a sangrar, e então a franziu mais ainda quando viu minhas pernas.

– Você está machucada.

Foi uma afirmação, não uma pergunta. Levei a mão à testa enquanto balançava a cabeça em negativa.

– Não é nada. E minhas amigas? Você telefonou pedindo ajuda? Uma

delas atravessou o para-brisa. Como ela está? Está tudo bem com ela? E Caroline... Acho que ela está em choque.

– Elas estão bem – garantiu ele, em um tom tranquilizador, e eu não contestei a mentira óbvia. – O socorro está a caminho, logo estará aqui. E sua amiga... Caroline... está cuidando da outra garota...

– Amy – completei, sabendo muito bem que Caroline no momento não estava em condições de cuidar de ninguém.

Por que ele não estava ajudando Amy?

– Por favor, volte para lá e cuide delas – pedi quando o vi examinar a lateral íngreme do barranco e o ângulo do carro e percebi sua intenção. – Vou ficar bem até que mais alguém chegue.

Ele sorriu para mim ao pular da borda do barranco e aterrissar suavemente no capô do automóvel. Ainda assim, o metal esmagado gemeu ruidosamente sob seu peso. Era difícil dizer, do ângulo em que eu estava, mas devia ser alto, ter bem mais que 1,80 metro, e parecia bem forte.

– Creio que não. Acho que deveríamos tentar tirar você daqui imediatamente. Por falar nisso, meu nome é Jack – completou ele, e foi só então que percebi o leve sotaque americano.

– Emma – respondi, e então por nenhuma boa razão que possa me ocorrer, acrescentei: – Vou me casar daqui a duas semanas.

– Parabéns – replicou ele, enrolando as mãos no casaco de Amy para protegê-las.

– Estávamos voltando da minha despedida de solteira.

Ele fez um breve aceno com a cabeça, com a atenção concentrada no para-brisa.

– Cubra os olhos.

Olhei para ele sem entender. Talvez Caroline não fosse a única em estado de choque.

– Preciso bater no vidro para tirá-lo e poder entrar aí e ajudá-la a sair.

– Não vai adiantar. Minhas pernas estão presas sob o banco do motorista. Já tentei, mas não consigo sair.

Foi então que todo o painel de instrumentos se iluminou com uma imensa centelha. A testa de Jack se franziu de preocupação, mas o sorriso tranquilizador não deixou seu rosto nem por um segundo.

– Vamos tentar, certo? Cubra os olhos.

Fiz o que ele mandou, portanto não sei dizer exatamente o que ele fez em seguida, mas ouvi várias pancadas, um ou dois resmungos e então, de repente, eu me vi sob uma chuva de estilhaços do para-brisa quebrado. Os fragmentos caíram por cima de mim e à minha volta como granizo, prendendo-se no meu cabelo, aterrissando em meu rosto e até mesmo grudando no ferimento ensanguentado na minha testa. Quando fiz menção de tirar os pedaços que caíram no meu rosto, fui detida por seu grito de aviso.

– Não toque, só balance a cabeça.

Fiz como ele sugeriu, e a maior parte dos cacos caiu.

Ele me deu outro sorriso.

– Não posso deixar você arruinar esse rosto bonito para as fotos do casamento – disse ele, deslizando pela abertura onde antes ficava o para-brisa.

No momento em que entrou no carro, sua atitude mudou. Ele se imobilizou, agachado no banco do carona, e respirou fundo. Eu não conseguia entender o que o preocupava, até imitá-lo. Gasolina. Um cheiro muito forte de gasolina. Por que eu não o sentira antes? Talvez porque estivesse muito concentrada em fazer com que Caroline fosse atrás de Amy. Porém, agora, o cheiro se espalhava por toda parte. O carro estava embebido em vapores pungentes. Mais crepitações no painel fizeram com que nos voltássemos naquela direção. Então nos entreolhamos com expressões idênticas.

– Vamos tirar você daqui.

Balancei a cabeça, zangada.

– Vá embora. Você não vai conseguir fazer nada, e se essa coisa pegar fogo, não há a menor necessidade de estarmos os dois aqui.

Ele continuou como se eu não tivesse falado. Levou a mão ao lado do banco e soltou a alavanca para reclinar o assento do passageiro, empurrando-o para trás até onde era possível. Logo depois, ele estava ao meu lado no que restara do banco traseiro. Era um homem grande, e pareceu preencher completamente o espaço. Seu rosto estava a centímetros do meu.

– Oi – disse ele sorrindo, como se não estivéssemos em meio a uma situação de extremo perigo.

Agarrei seu braço com uma tensão que eu simplesmente não via nele.

– Você tem que sair daqui. Agora!

Ele se limitou a balançar a cabeça, como se eu tivesse dito algo totalmente ridículo.

– Você primeiro, depois eu.

Quem era ele, esse americano que estava arriscando a própria vida para salvar a minha?

– Agora me diga – continuou ele em um tom de voz que parecia casual, como se estivéssemos conversando em um jantar. – Você está machucada em algum outro lugar, além da cabeça? Consegue sentir as pernas, mexer os pés?

Girei os tornozelos o máximo que pude e me encolhi um pouco, por causa da dor.

– Não. Está tudo bem – informei.

Isso me angariou outro sorriso.

– Vamos só dar uma olhada neste banco, certo? – disse Jack, inclinándose para a frente e por cima de mim para examiná-lo de perto, experimentando empurrá-lo em vários pontos ao longo da estrutura traseira.

Ele repetiu o gesto algumas vezes, mais energicamente, grunhindo com o esforço. Meu campo de visão e meu colo estavam inteiramente ocupados por esse generoso (mas claramente equivocado) herói, que fazia do meu resgate sua missão atual.

– Desculpe, mas terei de ser um pouco íntimo aqui – explicou ele.

Em seguida pôs as mãos em minhas pernas e as deslizou por ali até que desapareceram debaixo do banco, presumivelmente tentando encontrar uma forma de me soltar.

Havia um ar de descontração em sua exploração, embora eu soubesse que um relógio mortal estava em funcionamento.

– Peço desculpas por isso – tornou ele a dizer, endireitando-se até que estivesse mais uma vez ao meu lado. – Sei quanto os britânicos prezam seu espaço pessoal.

Como ele podia soar tão despreocupado numa hora como aquela? De repente um leve ruído, sibilante e abafado, veio da parte dianteira do carro, seguido por uma fina trilha sinuosa de fumaça branca, que começava a escapar de uma das aberturas de ventilação. Jack olhou para mim, o humor desaparecendo. Pela primeira vez, mostrou-se preocupado.

– Por favor, vá.

Ele negou com a cabeça.

– Acho que eu talvez consiga empurrar o banco com força suficiente para criar espaço para você liberar suas pernas.

Ele era forte. Os antebraços eram musculosos e, com as mangas da camisa enroladas até o cotovelo, eu via seus bíceps forçando o tecido quando ele firmou os braços e empurrou a estrutura do banco. Toda a traseira do carro pareceu vibrar com a força que ele estava exercendo. De repente, um ruído abafado de algo se rasgando interrompeu o grunhido baixo que Jack emitia com o esforço. E então seu braço desapareceu por um buraco aberto no tecido na parte posterior do banco.

– Merda! Isso doeu! – exclamou ele. – Perdão – desculpou-se, sem graça.

Ele retirou o braço do buraco, e ele estava coberto do sangue que fluía de um talho longo e profundo que corria ao longo da parte interna do antebraço. O metal de sustentação do banco o havia cortado cruelmente.

– Pelo amor de Deus, desista! Agora é *você* que está machucado.

Ele olhou para o braço que sangrava.

– O quê? Isto? Já me cortei de maneira mais séria do que isso fazendo a barba.

– Você depila os braços?

Ele deu um rápido sorriso, antes de voltar a atenção para o assento.

– Jack, por favor! – implorei, usando seu nome pela primeira vez. – Os bombeiros estão a caminho. Eles terão todos os equipamentos apropriados para cortar essas coisas e me tirar daqui, essas ferramentas hidráulicas...

– Desencarceradores.

– Então. Posso esperar até que cheguem. Ficarei bem, desde que a gasolina não vaze para o interior do carro e inflame.

Ele me dirigiu um olhar intenso, e me ocorreu que eu talvez devesse ter prestado mais atenção às aulas de química da escola, no fim das contas. Aparentemente, o que eu pensava saber sobre combustíveis estava completa e absolutamente errado.

– O que foi? Não é isso?

– Não é só a *gasolina* que pode pegar fogo, Emma. Os *gases* também podem.

Eu não precisava que a realidade fosse revelada com mais clareza. Os gases liberados pelo carro ficavam mais concentrados a cada minuto.

Fiz um gesto com a cabeça na direção do assento e pedi:

– Tente de novo.

Ele virou o corpo ligeiramente, firmou as costas na lateral oposta do carro e apoiou um pé calçado com uma bota sólida de cada lado da estrutura do banco.

Qualquer pessoa poderia estar dirigindo o carro que parou para vir em nosso socorro. Poderia ter sido uma mulher, um homem fracote e magriçela ou mesmo um covarde. Sou eternamente grata pelo fato de, em vez de um desses, ter sido um homem forte e atlético, com um complexo de herói curiosamente superdesenvolvido. Sabia que ia dar certo, mesmo antes que o banco começasse a se mover. Sabia que aquele nível de determinação férrea, a careta de concentração e o esforço extraordinário teriam êxito. Ele não aceitaria o contrário.

O assento não cedeu muita coisa, mas ao primeiro gemido de protesto do metal, eu me preparei. Então, quando finalmente senti o menor dos movimentos e o alívio da pressão, puxei as pernas, e de repente estava livre. Incrivelmente, afora alguns cortes e hematomas feios, minhas pernas estavam intactas.

Quase como se o automóvel, sedento do meu sangue, soubesse que eu estava prestes a escapar, uma chuva de faíscas voou de cada uma das aberturas de ventilação no painel. A menor e mais letal exibição de fogos de artifício.

– Vá – instou ele, agarrando meu braço e guiando-me sobre o assento reclinado na direção da frente do carro.

Eu passei pela abertura no para-brisa e me arrastei pela escorregadia inclinação do capô. Jack vinha logo atrás de mim.

– A gasolina vai explodir. Fique de pé na borda do capô, que eu empurro você.

– Há? Quase não entendo o que você diz, com esse seu sotaque...

– Ah! Você é uma dessas mulheres complicadas, né?

Ele me empurrou para o alto do carro com uma das mãos apoiada desavergonhadamente no meu traseiro e me içou até que eu ficasse de pé no para-choque. Então teve de segurar e me firmar quando tentei me apoiar em minhas pernas, que formigavam após toda aquela provação. Ergui os olhos para as paredes íngremes da vala, preocupada. Não havia me dado conta de quanto era profunda: a estrada devia estar pelo menos 3 metros acima da minha cabeça. Como Caroline tinha conseguido subir com tanta facilidade?

– Acho que não vou conseguir...

Ele, que já passara na minha frente, ajoelhou-se aos meus pés, como se estivesse prestes a me propor casamento.

– Fique de pé nos meus ombros.

– Sou pesada demais.

Do painel do carro não paravam de sair faíscas. Não tínhamos muito tempo.

– Você está querendo elogios? Porque sinceramente não acho que este seja o momento. Agora, suba aí.

Eu segurei as mãos que ele esticava em minha direção, buscando equilibrar-me, e pus os pés descalços em seus ombros largos e firmes. Ele ficou de pé tão facilmente que quem visse pensaria que ele fazia aquilo todos os dias. Tentei ajudar, agarrando-me a quaisquer raízes ou vegetação que minha mão encontrasse, e de repente o topo da vala surgiu diante dos meus olhos.

Eu estava quase lá.

Olhei para o homem que literalmente me carregava nas costas:

– E você? Consegue subir?

– Não se preocupe comigo. Estarei logo atrás de você.



Eu ainda me arrastava para longe da vala, de quatro, quando as faíscas e os gases tiveram seu primeiro e fatal encontro. O carro de Caroline explodiu como se fosse uma bomba.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br